

A MATERNIDADE CÂNDIDA VARGAS E AS HISTÓRIAS DAQUELE TRECHO DE RUA

Paulo Germano Cavalcanti Furtado

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira 06

O nome Cândida Vargas foi dado em homenagem à mãe do presidente Getúlio Vargas, a Senhora Cândida Dorneles Vargas. A esperada obra da Legião Brasileira de Assistência, LBA, após três anos de construção, foi inaugurada em agosto de 1945. Foi este o ano do meu nascimento e o fim da Segunda Guerra Mundial, há 80 anos. Também era a fase final do Estado Novo, sob a presidência de Getúlio Vargas, histórica liderança que comandou o país entre 1930 e 1945. O hospital representou um memorável avanço na atenção materno-infantil, atividade reconhecidamente carente em todo o estado da Paraíba. Eram alarmantes os índices de mortalidade obstétrica comprometendo o binômio mãe-filho. Entre as famílias paraibanas, ouviam-se, com aparente naturalidade, os relatos das muitas mães que morriam vítimas de complicações do parto, deixando filhos na orfandade.

Figura 1 – A fachada da Maternidade Cândida Vargas



Fonte: acervo do autor.

A LBA, criada em 1942 pela então primeira-dama Darcy Vargas, tinha, inicialmente, o objetivo de amparar famílias de soldados brasileiros que lutavam no front da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto de guerra, deram-se as mãos a sociedade civil e o governo federal, abarcando projetos na área da saúde e da assistência social. A nossa Maternidade contou em seus primeiros anos com a participação de experientes parteiras que ganharam uma estrutura física de qualidade, ao lado do suporte técnico e científico de médicos em plantão permanente. Era novidade. Também era novidade a oferta de atendimento integral durante a gravidez, parto e pós-parto. Os recém-nascidos já podiam contar com os pediatras Francisco Diniz e Giuseppe de Paula Marques, chegando nos anos seguintes Herbert de Miranda Henriques e a neonatologista Cristina Batista Abah.

Figura 2 – Os primeiros médicos e enfermeiras da Maternidade Cândida



Fonte: Acervo pessoal da médica obstetra Fátima Madruga.

A “Cândida Vargas” permaneceu subordinada à LBA até o ano de 1979, quando passou ao INAMPS, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Em 1990 foi incorporada ao Sistema Único de Saúde, o SUS, e a partir de 1991 a Cândida Vargas passa à administração da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, adotando a denominação atual de INSTITUTO CÂNDIDA VARGAS. Citando o ano de 2023, foram realizados mais de 4.600

partos em gestantes de 114 municípios da Paraíba que eram provenientes, em sua maioria, de João Pessoa e, em números decrescentes, de Santa Rita, Bayeux, Sapé e Conde.

Figura 3 - Diretores e Servidores da Maternidade Cândida Vargas no início da década de 1950. Foto na área externa.



Fonte: Acervo pessoal da médica obstetra Fátima Madruga.

Na Figura 3, destacamos a enfermeira Almenita Lins com a filha Fátima Madruga, ainda criança, e o Dr. Danilo Luna de pé. Sentados, a Madre Superiora, Dr. João Coelho, a esposa Betina e a filha. Em pé, à direita, anotamos os doutores Francisco Mendonça, Vicente Nogueira e Everaldo Vieira.

Em um distante 1966, eu cursando o terceiro ano de Medicina na Universidade Federal da Paraíba, fui aprovado entre os alunos, em concurso para ser acadêmico estagiário do Banco de Sangue da Maternidade. O estudante era encarregado de colher sangue dos doadores e, após testes de tipo sanguíneo e Rh, os frascos de vidro eram refrigerados e disponibilizados para

transfusão. Sob a supervisão do médico plantonista e acompanhado pela equipe de enfermagem, se faziam os últimos testes antes de administrar o precioso líquido na veia da parturiente que sangrava.

Figura 4: Médicos da Maternidade Cândida Vargas em evento no dia 12 de abril de 1957.



Fonte: Acervo da família da Dra. Fátima Madruga.

Na figura 4, destacamos os doutores João Coelho, Everaldo Soares, Danilo Luna e Vicente Nogueira.

No mês de junho daquele mesmo ano de 1966, eu caminhava apressado para assumir o plantão da tarde. Tinha perdido a carona e saía de casa a pé, do bairro de Tambiá, rua Monsenhor Walfredo 439, onde morava. Sob o sol escaldante do meio-dia, já havia percorrido toda a extensão da avenida Coremas com a bata dobrada embaixo do braço, procurando aliviar o calor sob a folhagem frondosa dos jambeiros. Já chegando em frente à entrada principal da Maternidade, fui abordado por Aparecida, uma amiga da família que, naquele momento, me cumprimentou e, casualmente, manifestou o desejo de apresentar uma garota chamada Sônia, que morava bem em frente à Maternidade, exatamente na casa de número 870 da Coremas. Conversamos muito apressadamente - olá, como vai? tudo bem? - enquanto Aparecida ficava de marcar outro encontro menos corrido, aproveitando o mês de junho das festas de São João.

A conversa seguinte terminou mesmo em namoro. O médico plantonista Josafá de Barros Costa, por coincidência, conhecido do meu pai e do pai de Sônia, logo que tomou conhecimento da novidade, com o seu temperamento brincalhão, espalhou a notícia no hospital e, de vez em quando, me acompanhava nas tardes mais calmas do plantão, para dar uma fugidinha, atravessando a rua e tomar um cafezinho rápido na casa de Sônia, que já era a minha namorada.

Aquele trecho da avenida Coremas tinha muitos residentes ilustres, como o Senhor João Modesto, e a experiente parteira, Dona Celina, pais dos nossos confrades João e o seu irmão Ivan Modesto, confrade de saudosa memória. Bem ao lado da maternidade, morava a família Petrucci, com Francisco, Vitório e Édson, era a primeira geração de uma prole numerosa de eminentes médicos paraibanos. A duas quadras em direção norte, residia o pediatra e general Ivo Borges da Fonseca, pai dos meus colegas de Pio X, Ivo Sérgio, Marcelo Borges e também avô do nosso colega do Hospital Universitário Lauro Wanderley, Eduardo Sérgio Borges. Sebastião Nogueira morava na rua Alberto de Brito a poucos metros da esquina da Maternidade. Naquelas imediações, na mesma rua, morava dona Guiomar Mendonça, mãe do mestre Delosmar Mendonça, que viria a ser meu professor, colega do Departamento Materno-Infantil, e obstetra da minha esposa, que faria o parto dos meus três filhos.

Figura 5 – Solenidade em comemoração aos 25 anos de Fundação da Maternidade Cândida Vargas no mês de agosto de 1945.



Fonte: Acervo da família da Dra. Fátima Madruga.

Na figura 5 destacamos o Dr. Vicente Nogueira à frente dos médicos Everaldo Vieira e Danilo Luna. No primeiro plano, à direita, destacamos as enfermeiras Almenita e Celina. Ao fundo, o então jovem Dr. José Marinetti.

Desde a infância, eu desejava ser médico. Queria ser cirurgião. A Maternidade Cândida Vargas foi meu primeiro alumbramento ao conhecer as entranhas de um grande hospital que funcionava 24 horas por dia. Mesmo que o Hospital de Pronto-Socorro fosse o meu grande objetivo, a passagem pela Maternidade Cândida Vargas e a rica experiência nos plantões de trabalho árduo, me deram o sentido exato do que era ser médico e do que era o cuidar de pacientes. Essa vivência também foi marcada pela figura notável do professor Vicente Nogueira. Doutor Nogueira, como nós todos a ele nos referíamos. Ao me despedir da Cândida Vargas e chegar aos plantões do Pronto-Socorro Municipal de João Pessoa, que era o hospital de emergência e trauma daquela época, levei o nome desse verdadeiro médico em minha lembrança. Doutor Nogueira era irmão de Sebastião, também respeitabilíssimo mestre. Dr Nogueira e Sebastião ficaram órfãos muito cedo. A mãe deles morrera das complicações do parto. Do parto de Sebastião. Doutor Nogueira tinha 11 anos. Na fazenda de São João do Cariri, entre outros irmãos, os dois meninos cresceram com o propósito de seguir a carreira de médicos obstetras.

Esse grande mestre da tocoginecologia veio a fixar residência na avenida João Machado, a poucos passos da esquina da maternidade. Dr Nogueira, durante as madrugadas, não raramente, ia até o hospital inspecionar o plantão e tirar da cama os estudantes que porventura estivessem dormindo. Com forte vocação para a medicina e firme espírito de liderança, Dr. Nogueira foi ocupando praticamente todos os cargos na direção da Maternidade e foi também o primeiro assistente do Doutor Danilo Luna que chefiava o DOG. Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da UFPB. Por trás daquela figura austera e daquele vozeirão existia um ser humano alegre e afetuoso que amava o convívio familiar e a atividade rural no município do Congo onde nascera e na propriedade da família em São João do Cariri. Festejava com os familiares as alegrias do carnaval e das férias na fazenda. Dr. Nogueira fez muito pela Maternidade onde criou o banco de leite materno. Criou também, no ano de 1950, o primeiro banco de sangue do nosso estado onde não havia sangue estocado e o processo, até então, era

feito diretamente do braço do doador para o braço do receptor. Conduta adotada pelos experientes mestres Atilio Rota, Lauro Wanderley, Danilo Luna e Jair Cunha. Dr. Nogueira fez a primeira cesariana assistida por especialista em anestesiologia, o Dr. Almir Lopes - pioneiro da especialidade, que antecedeu à chegada do professor Clóvis Beltrão. Até então, o próprio cirurgião era quem realizava a raquianestesia.

Figura 6 – Missa de Ação de Graças na capela da Maternidade Cândida Vargas.



Fonte: Acervo da família da Dra. Fátima Madruga.

Na figura 6, destacamos no 1º plano os médicos Danilo Luna, Antônio Bento e Sebastião Nogueira. Sentado no banco de trás, o pediatra Herberth de Miranda Henriques.

A casa da Coremas tinha uma localização privilegiada. Estava a uma quadra do Hospital São Vicente de Paulo e muito próxima à antiga Faculdade de Medicina de Jaguaribe, no mesmo extenso quarteirão da maternidade, que tinha uma frente para a rua Alberto de Brito, outra para a rua Jesus de Nazaré. Lá funcionavam o Instituto de Medicina da Criança do doutor João Medeiros, onde eu, César Nóbrega, Wilberto Trigueiro e Manoel Brandão éramos professores assistentes da disciplina de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica. Naquela ampla área, funcionava o Hospital Arlinda Marques, da LBA, na época destinado aos cuidados com a tuberculose infantil. No amplo terreno, tínhamos também o Hospital Guedes Pereira, conveniado com a Universidade Federal da Paraíba e que, durante 24 horas por dia, recebia pacientes portadores de Doenças Infectocontagiosas, como difteria, tétano, poliomielite e tantas

outras. No ano de 1973, a difteria, conhecida como crupe, era epidêmica e comprometia gravemente as crianças, podendo levar a óbito o pequeno paciente não tratado. As campanhas de vacinação não alcançavam a cobertura necessária no interior do estado. A chegada dessas crianças vítimas da fatal enfermidade era rotina no Hospital Guedes Pereira. Algumas chegavam em estado gravíssimo de falta de ar extrema, toxemia e desidratação.

Dando contexto à história, após o casamento, durante todo o ano de 1973, eu e Sônia fizemos morada naquela mesma casa da avenida Coremas, 870, quando os meus sogros resolveram fixar residência na praia do Cabo Branco, antigo endereço de veraneio. Por mais de uma vez, na madrugada, Irmã Teofrida, a experiente religiosa que comandava a enfermagem do Hospital Guedes Pereira, batia na janela do meu quarto: “Dr. Paulo! Na urgência tem uma criança com difteria. Está se ultimando”. Eu abria a janela sonolento, confirmava o que tinha ouvido e me vestia rapidamente para o atendimento. Saíamos juntos, com o passo acelerado fazendo um caminho direto pelo oitão da Maternidade, passando por detrás do recém-construído ambulatório da Faculdade de Medicina, descortinando a fachada do Hospital Guedes Pereira. O mesmo trajeto que a irmã tinha feito na ida.

A distância era pequena, tirar o carro da garagem, rodeando pelas ruas, talvez fosse perda de tempo. Na corrida, fazíamos uma prece para encontrar a criança ainda com vida. A estrutura para a realização da traqueostomia no Hospital era bem precária. Era apenas suficiente. Não havia centro cirúrgico. Nem anestesista. O procedimento era feito numa sala de curativo adaptada que dispunha do material cirúrgico estritamente necessário. O foco cirúrgico era o improvisado de uma lâmpada incandescente dentro de um bojo metálico sustentado por haste flexível. A iluminação era crítica. A criança cianótica, arroxeadada, abria os olhos em súplica, muitas vezes não tinha fôlego nem para chorar. Enquanto a enfermagem colocava o pequeno paciente na mesa de exame e fazia a pronta imobilização segurando joelhos, braços e firmando a cabeça estendida, eu já, de luvas, tinha em mãos o álcool iodado para antisepsia e uma seringa com 2 ml do anestésico lidocaína para infiltrar sob a pele do pescoço, ao tempo que mantinha a traqueia entre os meus dedos da mão esquerda. Em alguns segundos a traqueia estava exposta e, sem levar em conta o pequeno sangramento, o bisturi fazia a incisão de menos de 2 centímetros nos anéis cartilagosos. As bordas da traqueia eram apreendidas por duas pinças hemostáticas delicadas, a cânula endotraqueal, metálica, calibre 000, introduzida.

A criança logo inspirava forte, enchendo o peito, seguido de um ruidoso reflexo de tosse que expelia ar com secreção brônquica e placas diftéricas para todos os lados. A cianose sumia. A criança estava corada e salva. Parecia um milagre. Após o acesso venoso, com a hidratação gotejava rápido o paciente adormecia. A proteção da equipe insone, eram luvas cirúrgicas, gorro e máscara. O jovem cirurgião ainda nem usava óculos que poderiam proteger os olhos das gotículas contaminadas, expelidas com o bacilo diftérico. Já tivemos um caso gravíssimo em que a criança, no limite de falta de oxigênio, fez parada cardiorrespiratória no início do procedimento.

O ritmo ficava mais frenético. Em segundos, a cânula estava introduzida na traqueia para que em seguida fossem feitos os procedimentos de ressuscitação. Primeiro era a via aérea. Havia outros casos em que a equipe do hospital em evidente consternação, no hall da entrada, esperava o cirurgião para informar que a criança já havia falecido. Assim era vida nos serviços de pediatria naqueles tempos da varicela, do sarampo, da poliomielite, da difteria e da tuberculose infantil.

Retornando um pouco no relógio do tempo, para dar tempo às amenidades, no dia 15 de dezembro de 1972 – seis anos e seis meses após aquele primeiro encontro com Sônia –, doutor Josafá, o velho médico plantonista da Cândida Vargas, estava sentado entre os nossos padrinhos de casamento na Capela do Colégio Pio X, quando Sônia e eu subimos ao altar. Embora tenhamos nascido no Hospital São Vicente de Paulo, Sônia em 1952; eu em 1945, a Maternidade Cândida Vargas fez parte das nossas vidas. Hoje, casados há 53 anos, contamos com três filhos, genros e nora que, a rigor, são mais três filhos – acrescentando seis netos ao nosso encantamento.

Referências

Nogueira Filho, Vicente. **Caderneta de Anotações - 50 anos na vida de um parteiro provinciano**, João Pessoa: A União, 1995.

Teodorico, Ramos; Cavalcanti, Cristina. joaopessoa.pb.gov.br Instituto Cândida Vargas presta assistência humanizada a mães e bebês. Saúde SMS.



<https://jornaldaparaiba.com.br>; Jornal da Paraíba. Instituto Cândida Vargas é referência para gestantes.

<https://www.clickpb.com.br> ; Click PB. Cândida Vargas encerra o ano com mais de 4600 partos realizados, melhorias no atendimento e projetos inovadores.